

## **Uma visão normal do diferente: uma revisão integrativa sobre estigmas na enfermagem**

### **A normal view of the different:: an integrative review about stigma in nursing**

DOI:10.34117/bjdv7n10-118

Recebimento dos originais: 07/09/2021

Aceitação para publicação: 10/10/2021

#### **Giovani Basso da Silva**

Acadêmico de Enfermagem

Instituição De Atuação Atual: Universidade Federal de Ciência da Saúde de Porto Alegre

Endereço :R. Sarmiento Leite, 245 - Centro Histórico, Porto Alegre - RS, 90050-170  
E-mail: giovanids@ufcspa.edu.br

#### **João Gabriel Toledo Medeiros**

Mestrado

Instituição de atuação atual: Universidade Federal de Ciência da Saúde de Porto Alegre

Endereço :R. Sarmiento Leite, 245 - Centro Histórico, Porto Alegre - RS, 90050-170  
E-mail: joaogt@ufcspa.edu.br

#### **Heloíse Benvenutti**

Bacharelado em Fisioterapia

Instituição de atuação atual: Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Endereço :Rua Ramiro Barcelos, 2350, Av. Protásio Alves, 211 - Santa Cecília, Porto Alegre - RS, 90035-903  
E-mail: hbenvenutti@hcpa.edu.br

#### **Simone Travi Canabarro**

Doutorado

Instituição de atuação atual: Universidade Federal de Ciência da Saúde de Porto Alegre

Endereço :R. Sarmiento Leite, 245 - Centro Histórico, Porto Alegre - RS, 90050-170  
E-mail: simonet@ufcspa.edu.br

### **RESUMO**

Introdução: Frequentemente vemos e tratamos aqueles que se diferem de nós com preconceito, tratando-os de formas desiguais, menosprezando-os e estigmatizando-os, fazendo com que sejam deixados de lado em uma sociedade que considera apenas os semelhantes como normais. Objetivo: Analisar a produção científica sobre como é tratado o tema estigma na enfermagem nos anos de 2014 a 2021. Método: Revisão integrativa utilizando as bases de dados Scielo, LILACS e Portal Regional da BVS, com os descritores “estigma or stigma” AND “enfermagem or nursing”. Resultados: Foram encontrados 372 artigos, e, após os critérios de inclusão e exclusão, foram utilizados 15

artigos. Os resultados mostram que a maior parte dos estudos é recente e trata, na maior parte, do ciclo vital adolescente. Conclusão: Constatou-se a falta de estudos que tratam sobre estigma, evidenciando que produções que tratam sobre o assunto merecem novas abordagens e maior divulgação quanto a temática.

**Palavras-chaves:** Estigma, Enfermagem, Enfermeiro, Profissionais da saúde.

## **ABSTRACT**

**Introduction:** We often see and treat those who differ from us with prejudice, treating them in unequal ways, belittling them and stigmatizing them, causing them to be left out in a society that considers only similars as normal. **Objective:** To analyze the scientific production on how the theme of stigma is treated in nursing from 2014 to 2021. **Method:** Integrative review using the Scielo, LILACS and VHL Regional Portal databases, with the descriptors "stigma or stigma" AND "nursing or nursing". **Results:** 372 articles were found, and after the inclusion and exclusion criteria, 15 articles were used. The results show that most studies are recent and mostly deal with the adolescent life cycle. **Conclusion:** There was a lack of studies that deal with stigma, showing that productions that deal with the subject deserve new approaches and greater dissemination on the subject.

**Keywords:** Stigma, Nursing, Nurse, Health professionals.

## **1 INTRODUÇÃO**

Frequentemente vemos e tratamos aqueles que se diferem de nós com preconceito, tratando-os de formas desiguais, menosprezando-os e estigmatizando-os, fazendo com que sejam deixados de lado em uma sociedade que considera apenas os semelhantes como normais. Segundo autores<sup>(1)</sup>, a normalidade está atrelada a um conjunto de atributos sociais percebidos nos indivíduos, em sua maioria, e que, socialmente, são definidos como algo normal. Um indivíduo que não apresentar algum ou todos os atributos definidos pela sociedade, pode ser considerado anormal a essa visão, e logo pode ser estigmatizado. O conceito de estigma é presente entre as gerações<sup>(1)</sup>, exemplo disso, é que na idade média os leprosos, por não contemplarem os atributos normais da sociedade da época, acabavam excluídos do convívio social<sup>(2)</sup>. A peste nesta época foi tão marcante para a humanidade, que acabou sendo retratada em alguns filmes<sup>(3)</sup> sobre o período. Mesmo enxergando o estigma, a falta de publicações ainda é notável, principalmente na área da enfermagem, embora seja a que mais discorre sobre, mas que deveria ser a responsável por influenciar as pessoas a enxergarem os grupos estigmatizados<sup>(1)</sup> com olhos normais<sup>(1)</sup>, ou seja, sem preconceito.

Muitas doenças, por desconhecimento da sua ação, acabam deixando estigmas para seus portadores. Como exemplo, podemos citar o caso das mulheres de

Moçambique<sup>(4)</sup>, que preferem manter sigilo quando infectadas com o vírus HIV, para evitar sofrer com o peso do estigma e do preconceito. Todos possuímos uma imagem de quem somos, ou de quem queremos ser, criando uma identidade real, que, pela visão do grupo em que estamos, pode ser distorcida, transformando essa identidade real em uma identidade virtual, que é como este grupo nos vê e nos considera, podendo ou não nos transformarem em um indivíduo estigmatizado<sup>(1)</sup>.

Os estudos que tratam sobre estigma atualmente abordam diferentes áreas do conhecimento, em especial, neste artigo, a enfermagem<sup>(7)</sup>. Nessa perspectiva, pode-se perceber que alguns trabalhos abordam grupos sociais que são considerados como minoritários; nesses trabalhos percebe-se uma intersecção forte entre a área da saúde e as ciências humanas, para o entendimento das suas mazelas e sua relação com os serviços de saúde oferecidos, para que os atendimentos sejam mais humanizados a esses grupos<sup>(8,10,12,16,18,21)</sup>. Um exemplo disso é o tratamento, por parte de enfermeiros, dos grupos que estão reclusos a penitenciárias<sup>(16)</sup>, demonstrando que, mesmo com o passar dos anos, o estigma ainda é existente, tratando esses grupos como estigmatizados<sup>(1)</sup>. Por ser uma profissão com origem na arte do cuidado, é de responsabilidade dos enfermeiros tratarem com equidade e integralidade seus pacientes. Esse tratamento deve ser feito através da comunicação<sup>(8-10)</sup> e da empatia<sup>(12,13,15)</sup>, que são consideradas duas das bases da profissão do enfermeiro. Através dessas qualidades, iremos tratar do tema estigma, e nada melhor do que os enfermeiros para, através da comunicação, alcançarem e conscientizarem a população sobre as visões referentes ao estigma<sup>(1,8,12,21)</sup>.

Com o aumento no grau de conhecimento das pessoas, seja por sua escolaridade ou funções em que trabalham, o senso crítico torna-se variável, podendo seguir dois caminhos ao ser confrontado por seu grupo: seguir a linha defendida, ou seja a do pensamento do grupo, e ser considerado uma pessoa forte, ou dicotomicamente sua linha de pensamento, defendendo seus interesses, e ser considerado uma pessoa fraca e ser estigmatizada<sup>(1)</sup>. Os estigmatizados acabam colocando-se em uma posição de isolamento, no intuito de não importunar os grupos que atendem às expectativas sociais encontradas na sociedade de que fazem parte. Quando ocorre esse isolamento, criam-se grupos que percebem essa parcela “normal” da sociedade como aqueles que não os compreendem<sup>(1)</sup>. A fim de evidenciar as relações entre enfermagem e estigma, o presente trabalho tem como objetivo analisar como o tema estigma é tratado em publicações da área da enfermagem.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de uma Revisão integrativa da Literatura, segundo os métodos de Carvalho Souza<sup>(7)</sup>, sendo constituída em seis etapas: a elaboração da pergunta norteadora, a seleção da amostragem, a coleta de dados em portais de repositórios, a análise crítica, a interpretação e discussão dos resultados e a apresentação da revisão. Possui como pergunta norteadora: *Como é abordado o tema estigma pela enfermagem?*

A coleta de dados foi realizada nos meses de março e agosto de 2021, nas bases de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Portal Regional da BVS, com os seguintes descritores: “estigma or stigma” AND “enfermagem or nursing”, restringindo a busca entre os anos de 2014 a 2021.

Na seleção da amostragem, foram seguidos os seguintes critérios de inclusão: artigos originais e completos, nos idiomas inglês, português e espanhol, que apresentassem no título ou no resumo os descritores selecionados e que se encaixassem dentro dos anos de busca. Como critérios de exclusão foram eleitos: artigos nos quais o descritor estigma estivesse fora do contexto de como ele é tratado na enfermagem, artigos encontrados em mais de um repositório e textos que não fossem artigos, como teses, dissertações, cartas e manuais.

Na pesquisa no repositório SciELO – Scientific Electronic Library Online, foram utilizados os descritores selecionados, restringindo os anos de busca de 2014 a 2021, encontrando um total de vinte e dois resultados. Após a leitura do resumo e seguindo os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados oito artigos para a leitura na íntegra. Já na busca na base de dados Lilacs – Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, foram utilizados os descritores selecionados, restringindo os anos de busca de 2014 a 2021, encontrando um total de trinta e oito resultados, dos quais dois eram duplicatas, achadas anteriormente no repositório SciELO, e, após a leitura do resumo e seguindo os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados cinco artigos para a leitura na íntegra. No Portal Regional da BVS- Portal Regional da Biblioteca Virtual de Saúde foram utilizados os descritores selecionados, restringindo os anos de busca entre 2014 a 2021, seguindo os critérios de inclusão e exclusão e utilizando como filtros: assunto da revista, enfermagem e assunto principal, o estigma social e enfermagem psiquiátrica. Foram encontrados um total de trezentos e doze artigos, dos quais dez eram duplicatas encontradas anteriormente no portal LILACS. Selecionaram-se trinta artigos para leitura na íntegra, como mostrado na Tabela 1.

Os artigos encontrados na coleta de dados passaram a ser organizados em uma planilha com as informações: autor, título, palavras-chaves, ano de publicação, periódico e características abordadas.

Tabela 1 - Artigos selecionados.

|               | Descritores                                     |                            |                              |
|---------------|---|----------------------------|------------------------------|
| Base de Dados | “estigma or stigma” AND “enfermagem or nursing” |                            |                              |
|               | Encontrados                                     | Duplicados                 | Selecionados                 |
| SciELO        | 22  | -                          | 8                            |
| LILACS        | 38  | 2                          | 5                            |
| Portal BVS    | 312   | 10                         | 17                           |
|               | <b>Total encontrado: 372</b>                    | <b>Total duplicado: 12</b> | <b>Total selecionado: 30</b> |

Fonte: Criação própria, 2021.

### 3 RESULTADOS

Na análise da produção científica acerca do tema estigma, relacionado a profissão da enfermagem, foram analisados trinta estudos. A partir da leitura completa do material, foram excluídos quinze artigos conforme o enquadramento em critérios de inclusão e exclusão.

Embora a pesquisa nas bases de dados tenha abrangido os idiomas português, inglês e espanhol, os artigos selecionados para a revisão foram publicados em apenas dois países: Brasil e Colômbia.

No que se refere a área do conhecimento, todos os estudos tratam da área da saúde, tendo como periodicidade de 2014 a 2021. A maioria são estudos de enfermagem relacionados ao período da vida de adolescentes. Os diferentes achados englobaram diferenças culturais, de gênero e identidade de gênero, uso de drogas, maternidade e doenças estigmatizadas, de acordo com a Tabela 2, estruturada a partir dos dados: título do artigo, autor, objetivo, resultados, país de publicação, ano, palavra-chave e revista.

Tabela 2: Disposição dos artigos.

|   | Título do Artigo   | Autor                              | Objetivo  | Resultados  | País   | Ano  | Palavra-chave | Revista                           |
|---|--|------------------------------------|---|---|--------|------|---------------|-----------------------------------|
| 1 | <sup>8</sup> A saúde no adolescer com HIV/aids: caminhos para uma agenda pós-2015                                  | Graciela Dutra Sehnem              | Relacionar a percepção de saúde do adolescente que vive com HIV/aids com possíveis estratégias para reduzir a propagação do vírus.                                  | Os jovens consideram-se iguais a sociedade. Entretanto são estigmatizados e segregacionados, gerando efeitos psicossociais.   | Brasil | 2015 | HIV           | Revista Gaúcha de Enfermagem      |
| 2 | <sup>9</sup> Forças que interferem na maternagem em unidade de terapia intensiva neonatal                          | Leidiane Ferreira Santos           | Identificar as forças impulsoras e restritivas envolvidas no processo de maternagem aos recém-nascidos hospitalizados em uma unidade de terapia intensiva neonatal. | Alguns fatores tornam-se relevantes na UTI neonatal, destacando-se uma boa comunicação e um espaço acolhedor.   | Brasil | 2017 | Maternagem    | Texto&Contexto - Enfermagem       |
| 3 | <sup>10</sup> Rede de apoio no ciclo gravídico-puerperal: concepções de mulheres com deficiência física.           | Camila Fernandes da Silva Carvalho | Compreender a concepção de mulheres com deficiência física sobre a rede de apoio para o exercício da maternidade.   | Em um momento sensível, como na escolha de ser mãe mesmo com alguma limitação, torna-se necessária a presença da família como rede de apoio. Além disso, o auxílio dos profissionais de saúde em questões psicossociais é muito relevante.          | Brasil | 2016 | Grávida       | Texto&Contexto - Enfermagem       |
| 4 | <sup>11</sup> Rede social: avaliação do contexto de apoio ou contenção de mães lésbicas                            | Firley Poliana da Silva Lucio      | Avaliar a rede social de mães lésbicas a partir do contexto social de apoio ou contenção.   | Os familiares têm papel fundamental na aceitação e apoio na decisão de mulheres serem mães com sua orientação sexual. Para isso, devem ser quebrados estereótipos da família tradicional patriarcal.  | Brasil | 2018 | Mães lésbicas | Revista Brasileira de Enfermagem  |
| 5 | <sup>12</sup> O cotidiano das pessoas com a doença de Parkinson  | Rafaella Vivian Valcarenghi        | Compreender o cotidiano das pessoas com a doença de Parkinson.  | As limitações decorrentes de algumas doenças, como o Parkinson, geram problemas nas relações interpessoais. Por isso, o enfermeiro deve ter uma maior atenção a saúde mental desse paciente, considerando principalmente aspectos como a depressão. | Brasil | 2018 | Parkinson     | Revista Brasileira de Enfermagem  |
| 6 | <sup>13</sup> Mediações na atenção à saúde sob a ótica da Teoria da Dádiva: a saúde da população rural em destaque | Eliziane N. F. Ruiz                | Analisar, sob a perspectiva da Teoria da Dádiva, as implicações da mediação realizada pelos profissionais da saúde entre o usuário rural e as Políticas de Saúde.   | É importante para o profissional da saúde, manter uma boa relação com seu paciente rural compreendendo sua diferença cultural. É importante quebrarmos o modelo biomédico que é centrado apenas na doença.  | Brasil | 2016 | Vida rural    | Physis: Revista de Saúde Coletiva |

|    |  |                                   |   |  |          |      |              |   |
|----|--|-----------------------------------|---|--|----------|------|--------------|---|
| 7  | <sup>14</sup> Contribuições do PET-Saúde/Redes de atenção Psicossocial à Saúde da Família                  | Larissa de Almeida Rezio          | O estudo objetivou analisar as contribuições do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – PET-Saúde/Redes de Atenção Psicossocial à Saúde - a uma unidade de Estratégia de Saúde da Família em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. | Os profissionais de saúde apresentam despreparo para cuidar da saúde mental dos pacientes, agravado pelo preconceito social e pelo modelo biomédico. Assim, é essencial a existência de profissionais qualificados e de uma boa infraestrutura caracterizada pela descentralização, antagônica ao modelo hospitalocêntrico.                | Brasil   | 2015 | Saúde mental | Interface - Comunicação, Saúde, Educação          |
| 8  | <sup>15</sup> Estigma e preconceito: realidade de portadores de hanseníase em unidades prisionais          | Raquel Caroline Carneiro da Silva | Conhecer a percepção dos portadores de hanseníase acerca do estigma e preconceito que vivenciam em unidades prisionais.   | Pessoas isoladas da sociedade em presídios sofrem estigmas, que, somados aos preconceitos aliados a hanseníase, trazem sérios problemas mentais e sociais. Cabe ao enfermeiro cuidar desses pacientes, tendo como foco o bem estar físico e mental.  | Brasil   | 2014 | Hanseníase   | Revista de pesquisa Online: Cuidado é fundamental |
| 9  | <sup>16</sup> O cuidar de presidiários sob a ótica de acadêmicos de enfermagem                             | Lannuzya Veríssimo e Oliveira     | Compreender o cuidar de presidiários sob a ótica de acadêmicos de enfermagem.   | O profissional da enfermagem, por apresentar uma abordagem mais humanística, é o principal responsável pelo cuidado. Para atender presidiários, é necessário apresentar atribuições que ultrapassem o conhecimento científico, como a empatia, utilizando questões simples, como o respeito, para quebrar o estigma sobre essa população.. | Brasil   | 2016 | Presidiários | Revista de pesquisa Online: Cuidado é fundamental |
| 10 | <sup>17</sup> Representações sociais sobre o câncer entre familiares de pacientes em tratamento oncológico | Sara Fiterman Lima                | A pesquisa teve como objetivo apreender as representações sociais sobre o câncer entre familiares de pacientes submetidos a tratamento oncológico em um hospital de São Luís-Ma.  | O termo câncer é normalmente associado a tristeza e a morte tanto pelo paciente, quanto por familiares e pela sociedade em geral. Cabe ao profissional da saúde desmistificar esse fator, mostrando outras faces além do estigma..   | Brasil   | 2016 | Câncer       | Revista mineira de Enfermagem                     |
| 11 | <sup>18</sup> Entre batalhas e pedras: Histórias de vida de moradores de rua, usuários de crack            | Jaime Alonso Caravaca Morera      | Descrever as experiências cotidianas dos moradores de rua e os significados atribuídos ao crack.  | Muitos moradores de rua são generalizados como usuários de drogas, embora não seja a realidade de todos, gerando até mesmo um estigma sobre si mesmo, que pode levar a perda da identidade social.   | Colômbia | 2015 | Crack        | Hacia la Promoción de la Salud                    |
| 12 | <sup>19</sup> Ser mulher e ter o corpo ferido: Um estudo de representações sociais                         | Raiana Marinho Alves              | Discutir as representações sociais de mulheres com feridas crônicas sobre ser mulher e ter um corpo ferido e implicações dessas representações sobre as relações sociais.   | A sociedade apresenta uma padrão de beleza e de conduta, que cria uma espécie de mulher ideal, tornando qualquer especificidade que se distancie disso um estigma social, podendo levar a consequências como isolamento e depressão.   | Brasil   | 2014 | Feridas      | Revista de pesquisa Online: Cuidado é fundamental |



|    |   |                                 |  |  |          |      |           |   |
|----|---|---------------------------------|--|--|----------|------|-----------|---|
| 13 | <sup>21</sup> Vivência da equipe de enfermagem frente à hospitalização da criança queimada  | Nataly Tsumura Inocencio Soares | Apresentar a vivência da equipe de enfermagem que trabalham com meninos queimados hospitalizados.  | Crianças queimadas em estado crítico necessitam de muito cuidado. Nesses casos, a empatia torna-se muito importante, tanto para lidar com a criança, que poderá ter sequelas que as causem estigmas, quanto para lidar com pais que também sofrerão com olhares de julgamento e culpa.                                     | Colômbia | 2013 | Queimados | Investigación y Educación en Enfermería |
| 14 | <sup>22</sup> Cinema e identidade profissional: percepções sobre a imagem de enfermeiras no filme Pearl Harbor / Cinema and professional identity: perceptions about the image of nurses in the film Pearl Harbor | Alexandre Barbosa de Oliveira   | Analisar as percepções de discentes de graduação em Enfermagem sobre o uso da imagem de enfermeiras no filme Pearl Harbor e destacar as contribuições pedagógicas nele contidas para a discussão da identidade profissional da Enfermagem. | A mídia apresenta um enorme potencial para atingir um grande público, promovendo ideias sobre diversos conteúdos, incluindo os estereótipos. Desta forma, é parcialmente culpada por manter a visão preconceituosa da enfermagem, caracterizando todos os profissionais da área como mulheres sexys e submissas ao médico. | Brasil   | 2017 | Cinema    | Revista mineira de Enfermagem           |
| 15 | <sup>23</sup> Comportamentos relacionados à saúde sexual de pessoas vivendo com o Vírus da Imunodeficiência Humana  | Géssyca Cavalcante de Melo      | Analisar os comportamentos relacionados à saúde sexual de pessoas com Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) segundo o modelo de promoção da saúde.  | A presença dos profissionais de saúde frente a descoberta da soropositividade é muito importante para enfrentar os estigmas e o autopreconceito, promovendo apoio psicológico para enfrentar a doença. Além disso, é papel fundamental prover instruções sobre os cuidados com a doença.                                   | Brasil   | 2016 | HIV       | Escola Anna Nery                        |

Fonte: Criação própria 2,



## 4 DISCUSSÃO

Evidenciando a importância do conteúdo na enfermagem, essa revisão busca identificar o tema estigma e a enfermagem em seus múltiplos setores de atuação.

A sociedade, inúmeras vezes, percebe o comportamento fora da norma social/cultural de forma estranha, quando o outro passa a ser o que não condiz com o padrão, e, dessa maneira, perpetuam-se estigmas. Doenças, como o HIV<sup>(8)</sup>, por vezes, podem gerar aspectos físicos e comportamentais que acabam por criar estigmas sobre essas pessoas, estabelecidos pelo seu grupo social.

A enfermagem, por prover o cuidado necessário às pessoas, deve ser cuidadosa em relação aos estigmas, podendo fazer isso de diversas maneiras, seja promovendo espaços de cuidado<sup>(8,9)</sup> ou simplesmente promovendo de forma empática uma escuta e uma abertura para o processo comunicacional, com uma boa forma de comunicação, para que os que se sentem estigmatizados, ou com algum tipo de medo ou dúvida, possam conversar e propor outros olhares para a sociedade e para si mesmos. Um estudo<sup>(8)</sup> sobre adolescentes portadores do vírus HIV, evidencia que os jovens que possuem o vírus entendem a dimensão biológica da doença, mas que o seu principal problema e medo são os estigmas sociais que podem vir a sofrer. Corroborando a este depoimento, outro estudo aponta a necessidade de que entre os profissionais da saúde, em especial os enfermeiros, deve haver o entendimento de que a doença é algo além do fator biológico, evidenciando ser apenas parte de um processo, agregando a importância de que devemos tratar os pacientes como um todo, dentro das suas singularidades<sup>(8)</sup>.

Partindo desse conceito, diversos fatores influenciam as ações das pessoas, sejam ações corriqueiras, como ir ao mercado, ou mudanças de vida como a decisão de ter um filho. O cuidado de recém-nascidos (RN) internados em unidades de terapia intensiva (UTI), deve ser cauteloso, e é de severa importância. A adesão do cuidado em mães de RN hospitalizados em UTI é um fator que influencia de forma direta no cuidado dado pela mãe ao bebê<sup>(9)</sup>. Os fatores estressantes, tais como a falta de cobertura e a precariedade de alguns serviços<sup>(9)</sup> faz com que algumas mães afastem-se e diminuam o cuidado com seus filhos<sup>(9)</sup>, demonstrando a importância de os profissionais da saúde lembrar-se da necessidade de empatia com seus pacientes, permitindo a abertura de espaços para que ocorra um diálogo entre o profissional e o paciente, visando que o cuidado e o apoio psíquico e emocional possa ser alcançado pelos clientes<sup>(8-10, 15-18)</sup>.

A sociedade precisa acolher e respeitar as diferenças, colocando-se no lugar das pessoas estigmatizadas<sup>(12)</sup>. No âmbito da saúde, o atendimento de qualidade necessita de

uma abordagem mais humanística<sup>(14)</sup>, que vise o bem do paciente de um modo geral, o que torna-se antagônico ao modelo biomédico<sup>(8)</sup> centrado na doença, e que ainda é o modelo vigente em muitos atendimentos, inclusive nos especiais. A equipe multidisciplinar<sup>(9,12,21)</sup> é essencial para o atendimento especializado, porque garante o atendimento em todos os aspectos da saúde do paciente estigmatizado, devendo ter uma atenção especial a saúde mental do paciente<sup>(14)</sup>, em função dos preconceitos vividos no âmbito social, que refletem no estado psicossocial.

Alguns autores, ao abordarem a gravidez de mulheres que possuem algum tipo de deficiência, seja psicológica ou motora, e que precisam de um maior grau de ajuda e compreensão de seus parceiros<sup>(10)</sup>, demonstraram que, entre os grupos com maior importância na hora de tomar decisões, temos: as famílias, os amigos e o grupo social em que estamos inseridos. De acordo com isso, existe um pré-julgamento às pessoas necessitadas<sup>(10)</sup>. O incentivo a crença de que deficientes, por possuírem limitações, não podem fazer ou realizar determinadas ações<sup>(10)</sup>, faz com que as pessoas dificilmente aceitem e apoiem a vida sexual e a gravidez de filhas adolescentes que possuem tais limitações.

Mesmo com a educação inclusiva, que discorre sobre as necessidades da população com deficiência<sup>(10)</sup>, ainda é um problema discutir o termo sexualidade entre esses grupos. Na literatura, vemos que a relação entre o paciente e a família e entre o paciente e o enfermeiro, pode ser superprotetora<sup>(8,10)</sup>, ou pode ser tratada com descaso<sup>(9)</sup>, acarretando, desta maneira, em uma piora no tratamento, no cuidado e na cura desses pacientes. A superproteção, muitas vezes, pode gerar medo<sup>(8)</sup>, já que faz com que o paciente esconda seu processo de saúde e doença dos demais<sup>(8)</sup>, devido a confiança apenas em seu núcleo familiar. No caso do descaso sobre as singularidades dos envolvidos<sup>(10,11)</sup>, pode também haver o medo, pela falta de confiança em uma pessoa que possa promover apoio. Tanto no descaso, quanto na superproteção, é um dever do enfermeiro intervir e propor diálogos para auxiliar na quebra desses conceitos estabelecidos entre seus pacientes<sup>(10)</sup>.

Não apenas na questão da gestação de mulheres com alguma deficiência<sup>(10)</sup>, mas também na orientação sexual destas futuras mães<sup>(11)</sup>, o preconceito e o estigma<sup>(1)</sup> social são muito presentes. Mesmo depois de Simone de Beauvoir afirmar que não se nasce mulher, torna-se mulher<sup>(25)</sup>, o preconceito existente ainda é grande. Um dos principais problemas relacionados às mulheres que decidem engravidar e que possuem uma orientação sexual que não é heterossexual, são: a não aceitação dos familiares e as

relações socioculturais que são ou não aceitas em determinadas sociedades<sup>(11)</sup>. O historiador e sociólogo<sup>(26)</sup>, aponta que a homossexualidade, enquanto um problema médico, surgiu em 1870, e isso fez com que se criassem mecanismos e intervenções como forma de controle da sexualidade. A homossexualidade passou a ser considerada então, como uma doença mental, que está fora da normalidade. Mais recentemente, essa ideia deixou de ser considerada pela psiquiatria e pela psicologia, mas, seu estigma permanece na sociedade. Por essa razão, os núcleos de saúde, principalmente o da enfermagem, devem auxiliar na construção de uma saúde que deixe de ser patriarcal<sup>(11)</sup>, ajudando no novo entendimento de família diferenciada, sem rotulações do que é certo ou errado<sup>(10,11)</sup>, em relação a construção do núcleo familiar.

Quando pensamos na doença, percebem-se diversas fases, alterando-se a cada dia, sendo sempre diferente do dia anterior<sup>(12)</sup>. A doença de Parkinson acarreta grandes mudanças de vida, seja pelo uso de medicamentos controlados ou pela necessidade de conter os tremores. O afastamento das relações sociais, a perda da autonomia e as limitações, são características desta doença<sup>(12)</sup>, fazendo com que seus portadores não sintam-se capazes e produtivos<sup>(12)</sup>. Esse fato é agravado quando os indivíduos com Parkinson chegam a aposentadoria, já que o sentimento de inutilidade começa a florescer mais rapidamente, fazendo com que os fatores estigmatizantes da doença, como o tremor constante, venham a aumentar<sup>(12)</sup>. A principal função de um cuidador de pessoas com Parkinson é a comunicação, ou seja, ouvir o que o paciente tem a dizer e o que ele acha que pode melhorar ou piorar<sup>(12)</sup>, orientando-o quanto a isso.

Um fator importante para a promoção e prevenção de saúde, é a necessidade de que profissionais e estabelecimentos que prezam a saúde, tenham um olhar além do material<sup>(13)</sup>, ou seja, um olhar que abranja a espiritualidade<sup>(13,15)</sup> das pessoas. Comprovando isso, temos o estigma<sup>(1)</sup> vivenciado pelas populações rurais, que possuem tradições, culturas e vivências diferenciadas<sup>(13)</sup>. Estudos<sup>(8,13)</sup> comprovam que esses estigmas<sup>(1)</sup> não são apenas vinculados ao preconceito vivido pela sociedade, mas também pelo preconceito que profissionais da saúde possuem sobre as demandas desta população. Como forma de minimizar este estigma<sup>(1)</sup>, existem técnicas de meditação<sup>(13)</sup> que ajudam tanto os profissionais da saúde, quanto os seus clientes, a desenvolverem uma comunicação transpessoal que zela, primordialmente, por um cuidado de maior qualidade. Esta técnica visa deixar de tratar a população que reside no meio rural como se fosse igual a uma população urbana, evidenciando-a e cuidando-a de acordo com suas especificidades<sup>(13)</sup>.

O conceito de saúde da OMS<sup>(24)</sup>, diz que a saúde é um processo de amplo bem estar, que envolve o fator físico e o psíquico. É de muita importância que os enfermeiros compreendam o que é saúde mental<sup>(14)</sup>, e que seu tratamento vai além do cuidado biológico, pois, sem esse entendimento, quem deveria estar ajudando, torna-se mais uma pessoa a fazer com que determinados grupos sejam estigmatizados<sup>(1)</sup>. Estudos<sup>(14)</sup> citam a importância da implementação de programas que visam trabalhar com profissionais da saúde sobre o tema saúde mental, mostrando sua eficácia. Existe uma série de estudos que tratam sobre a luta antimanicomial no Brasil, e, além disso o estudo de Foucault<sup>(26)</sup> sobre a loucura, auxilia no entendimento histórico da construção da loucura nas sociedades ocidentais e a medicalização dos comportamentos que transgridam as normas sociais, sendo obras essenciais para o conhecimento de como ocorre a criação de asilos e instituições de internação dessas pessoas, principalmente nas sociedades que possuem colonização europeia. Além de Foucault<sup>(6,26)</sup>, o sociólogo<sup>(5)</sup> também tratou do assunto manicômio, em sua obra “Manicômio, prisões e conventos”, em que analisou como o comportamento dos indivíduos que são privados da vida em sociedade ocorre da mesma forma como nas prisões, com os cárceres. Ambas as instituições, de acordo com<sup>(5)</sup>, são consideradas totais, nas quais os indivíduos (semelhantes) internados, são separados da sociedade por determinado período de tempo, e ficam fechados, controlados e administrados por uma formalização da sociedade. A diferença nas instituições seria apenas no nível de fechamento e no controle dos internos.

O cárcere é um dos únicos locais em que o indivíduo consegue ser quem ele realmente é sem sofrer retaliações<sup>(20)</sup>. Porém, viver em locais assim, acarreta um certo grau de restrições. A vida com alguma restrição, como uma doença, torna a estadia nestes locais ainda mais difícil, pois, além de viver com o preconceito de estar em um cárcere, estas pessoas vivem com estigma de serem rotuladas como doentes<sup>(15)</sup>. Doenças como a hanseníase fazem com que prisioneiros sofram diferentes tipos de estigmas<sup>(1,15)</sup>, seja pela herança cultural que faz com que seus portadores fiquem isolados, ou pelo fato de serem excluídos dos convívios sociais nos quais poderiam viver sem retaliações.

Não apenas pela visão do preconceito vivenciado por seus companheiros de cela<sup>(15)</sup>, quem está em um cárcere e necessita de cuidado sofre também preconceitos dos profissionais da saúde<sup>(16)</sup>. Por lacunas no conhecimento, por preconceito ou pelos estigmas sociais, muitos enfermeiros tratam o cuidado dos apenados como uma obrigação<sup>(16)</sup>. O fato do cuidado ser desigual entre pessoas que estão dentro e fora do cárcere, evidencia que os estigmas<sup>(1)</sup> sociais, como o medo de conversar ou olhar para

essas pessoas, são um dos fatores responsáveis para isso acontecer<sup>(16)</sup>. Vale evidenciar que o local onde esse público se encontra reforça o caráter do preconceito, já que as questões de higiene são, muitas vezes, negligenciadas, e podem causar outras doenças entre esses núcleos<sup>(15)</sup>, além da segurança pessoal e da superlotação das celas, que não são devidamente respeitadas<sup>(15,16)</sup>.

O ciclo vital<sup>(16)</sup> deve ser analisado em um todo, observando as minorias que apresentam alguma doença, como ocorre em idosos que vivem com o Parkinson<sup>(12)</sup> ou de adolescentes que vivem com a soropositividade<sup>(8)</sup>. Normalmente não é dada uma atenção especial a estas minorias que, pela falta de conhecimento para ter um tratamento digno, acabam sendo excluídos e discriminados<sup>(14,18)</sup>.

Pessoas que são privadas de liberdade passam pelo olhar social, pessoas que possuem doenças vistas socialmente com alto índice de mortalidade também podem sofrer de estigmas. O medo, a dor e a angústia, são palavras<sup>(17)</sup> que representam o sentimento de pessoas que vivem com câncer. O julgamento estabelecido pela sociedade sobre esse grupo, está presente no dia a dia das pessoas, sejam elas saudáveis ou não<sup>(1)</sup>. O preconceito vivido por pacientes que tem câncer é corriqueiro<sup>(17)</sup>, seja através de palavras, expressões ou sentimentos. Dentre estes pacientes, as palavras estão entre as armas mais fortes que possuem<sup>(17)</sup>, porém, podem ser para ajudar ou para dificultar o tratamento. Um estudo publicado no Maranhão<sup>(17)</sup>, evidenciou que familiares de pacientes oncológicos que mostraram, através das palavras, o seu sentimento sobre o câncer, elegeram a tristeza e a dor como os sentimentos mais frequentes<sup>(17)</sup>. Seja pela dor de ver um paciente oncológico, pelos estigmas ou preconceitos que eles estão vivendo<sup>(1,17)</sup>, ou pela necessidade da modificação de suas rotinas e estilos de vida para se adequarem a nova fase com um familiar com câncer, o temas tristeza e morte assombram essas famílias<sup>(17)</sup>. A importância dos enfermeiros e profissionais da saúde para diminuir esse estigma<sup>(1)</sup>, é evidenciada, para enfrentar a visão de que o câncer é apenas uma referência à dor, à angústia e à morte<sup>(17)</sup>.

Bem estar físico, psíquico e social, são pilares que socialmente construíram a noção de saúde preconizada pela OMS<sup>(24)</sup>. Como vimos, o preconceito está presente em diversas fases e estágios da vida, mas, para os moradores de rua, muitas vezes, o sentido da vida<sup>(18)</sup> é perdido. Diversos são os fatores que levam uma pessoa a sair do seu lar e morar na rua<sup>(18)</sup> para conviver com a dicotomia de viver para sobreviver<sup>(18)</sup>. Moradores de rua adolescentes, para amenizar a sua dor podem acabar utilizando da maldição que fascina<sup>(18)</sup>, ou seja, o Crack, passando a viver sob um olhar duas vezes estigmatizado<sup>(1)</sup> da

sociedade: morar na rua e ser usuário de Crack<sup>(18)</sup>. Dos fatos que levam as pessoas a viver nas ruas, estudos<sup>(18)</sup> destacam que o desfecho familiar, ou seja, a despreocupação e a falta de atenção que os adolescentes recebem de seus pais, fazem com que eles procurem na rua o que não possuem em casa. Outra possibilidade, é a falta de estrutura familiar e de moradia<sup>(18)</sup>, que levam os jovens a perder sua identificação naqueles espaços, levando-os para longe de suas casas e famílias, primeiramente, em busca de empregos e melhores infraestruturas, mas, com a decepção de não encontrarem, acham no crack<sup>(18)</sup> uma forma de esquecer a dura realidade.

Mesmo evidenciando a sua raiva pelas drogas<sup>(18)</sup>, moradores de rua que frequentam as crackolândias, enxergam nas drogas um alívio para continuar sobrevivendo nos detrimientos em que vivem<sup>(18)</sup>. A superproteção familiar<sup>(8,10)</sup> nem sempre é uma indicação para ajudar quem necessita, pois pode gerar medo, receio e incentivar os indivíduos a tomarem atitudes que suas famílias não aceitam<sup>(10)</sup>. Da mesma forma, o desleixo familiar<sup>(18)</sup> também não pode tomar conta, já que, muitos adolescentes, também só necessitam de atenção familiar para terem novos rumos<sup>(8)</sup>.

Estereótipos de cor, raça e gênero são alguns dos principais formadores dos estigmas sociais<sup>(1)</sup>. Do nascer até tornar-se mulher, muitas meninas sofrem preconceitos<sup>(10,11,19)</sup>. Estudos<sup>(19)</sup> demonstram que as mulheres enxergam seus corpos como uma forma de identidade, que deve seguir os padrões pré estabelecidos socialmente. Desse modo, as que possuem algum tipo de diferenciação, como feridas crônicas<sup>(19)</sup>, vivem com preconceitos e estigmas<sup>(1)</sup>, pois não conseguem seguir os padrões estabelecidos. Estes resultados representam a importância dos profissionais<sup>(8,10,12,13,16,19,21)</sup> como os enfermeiros, em tratar, conversar e ensinar a esses públicos sobre a verdadeira importância de seus próprios dizeres e pensamentos.

A enfermagem, por viver em uma profissão na qual o cuidado é o seu elo mais forte, a empatia está muito presente na vida desses profissionais<sup>(8-19,21,23)</sup>. Empatia demais, ou a falta de, pode causar impactos na vida dos enfermeiros, como no caso dos profissionais que tratam de crianças queimadas<sup>(21)</sup>. Esses profissionais passam por uma rotina estressante e angustiante, já que, pelo envoltório psíquico e empático, a criação de vínculos é muito presente na relação com esse tipo de paciente<sup>(21)</sup>. Outro fator para a grande empatia é a visão do estigma<sup>(1)</sup> que está sobre as crianças queimadas<sup>(21)</sup>, já que a deformação e a mudança no estilo de vida será presente para toda a vida.

A enfermagem, por ser uma ciência, possui como uma de suas atribuições criar imagens do que é certo e errado<sup>(22)</sup> cientificamente, e há uma história a ser compreendida

em se tratando da necessidade decisória em certos momentos que pode criar uma imagem e um estereótipo de que se julga o que é certo do que é errado. Viver é compreender que há referências, existem imagens a desvendar e desvelar. É preciso estar aberto para relativizar o que a ciência e arte do cuidado se propõe ao cuidar de vidas respeitando diferentes formas de ser e de fazer. Porém, o cuidado com a criação dessas imagens<sup>(22)</sup> precisa estar presente na reflexão dos enfermeiros, já que podem tornar-se um ponto de preconceito e estigma<sup>(1)</sup> para os diferentes. Os filmes são uma importante fonte de propagação de cultura<sup>(22)</sup>. A cultura que traz as enfermeiras como pessoas sexy e vulgares<sup>(22)</sup>, vem de uma herança na qual as enfermeiras eram prostitutas que utilizavam da arte de cuidar para arrecadar verbas. Posteriormente, a enfermagem só passou a ter um reconhecimento profissional e científico quando Florence Nightingale na Guerra da Criméia, demonstrou que o cuidar era uma ciência e que a partir dela a epidemiologia nascia com a enfermagem enquanto profissão. As telas<sup>(22)</sup> de hoje em dia ainda evidenciam a imagem da enfermeira como uma mulher sensual e atraente, criando um preconceito de que as únicas pessoas que podem trabalhar como enfermeiros são mulheres sensuais que se interessam mais por conhecer homens do que pelo próprio emprego. Cria-se então um papel fundamental do enfermeiro de lutar contra essa rotulação que sua profissão sofre<sup>(22)</sup> e o de cuidar com as imagens de normalidade<sup>(1)</sup> que ajudam a criar em relação a doentes e doenças.

A capacidade de comunicação é muito importante para o enfermeiro<sup>(8-10,12,13,15-17,21,23)</sup>, pois garante uma boa relação com o paciente e com sua família<sup>(8,10)</sup>, construindo confiança e facilitando a cooperação<sup>(21)</sup>, o que auxilia na construção de um cuidado mais saudável e eficaz. Além disso, uma comunicação efetiva permite uma maior aceitação de diagnóstico por parte do paciente<sup>(12,21)</sup>, onde o profissional explica todo o processo de causa e consequências, ajudando o paciente a entender as novas mudanças que a doença virá a trazer para suas vidas. A detecção da soropositividade<sup>(8,23)</sup> é um exemplo disso, pois acarreta em mudanças na vida de um indivíduo, como o receio de sofrer preconceito e abandono<sup>(8)</sup>, o que leva muitas pessoas a confiarem apenas em seus familiares<sup>(8)</sup> ou, em alguns casos, levam a ocultação da doença<sup>(23)</sup>. Também se faz necessária uma comunicação eficaz na prescrição do tratamento, pois é ele que vai ajudar na melhora da doença. Como enfermeiros visualizamos a ação prática que sempre nos leva a buscar uma ação plausível, no entanto não é o suficiente é preciso ir além respeitar o ser humano como uma mescla de fatores culturais, biológicos, psicossociais, somos um “caldo de



cultura” e precisamos avançar para práticas com humanismo científicidade e benevolência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa revisão integrativa de literatura, teve o objetivo de demonstrar como o tema estigma vem sendo abordado e investigado na área da enfermagem, nos periódicos e repositórios nacionais e internacionais. Nota-se a falta de publicações específicas da área da enfermagem, apesar de ser um tema que ganhou enfoque nos últimos anos. Mesmo com a escassez das publicações, nota-se que o enfermeiro é protagonista dentre os profissionais de saúde que discutem esta temática, além disso propõe mudanças e se coloca profissionalmente em posições de destaque que permitem caminhar para dirimir preconceitos e estigmas.

Os temas debatidos sobre estigma demonstraram uma preocupação vinculada a doenças transmissíveis, pessoas portadoras de necessidades especiais, drogas e outros temas que colocam a questão da diversidade como um tema a ser debatido na área da enfermagem, principalmente em relação aos estigmas e a forma como se enxerga o outro. Diversas maneiras de enxergar e tratar os sintomas foram citadas nos artigos, mas, a maioria delas debate a importância da comunicação e dos enfermeiros no processo saúde-doença dos pacientes.

É perceptível que os artigos tratam muito sobre o público adolescente, evidenciando um “foco” por parte da enfermagem nessa fase do ciclo vital. É relevante salientar que há uma falta de estudos que tratem do estigma em pessoas em outras faixas de idade, evidenciando a importância da realização de mais pesquisas acerca deste tema, e, principalmente, que abordem uma parcela populacional maior, com faixas etárias diferentes e seus contextos étnicos e culturais.

Outro ponto importante que vale a pena ser ressaltado, é o estigma que pessoas que foram infectadas pelo vírus SARS-CoV-2, causador da doença infecciosa coronavírus (COVID-19), passam durante e após a doença. Diante disso, é extremamente importante discutir todas as formas de estigma, ao ampliar as reflexões elucidada-se o conhecimento do tema e como é abordado na literatura, sendo importante debate posto nas ciências sociais e da saúde para que seja reduzido situações que possam criar estigmas e preconceitos.

## REFERÊNCIAS

- <sup>1</sup> Goffman E. Estigma: Notas sobre a identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Ltc; 2008. 81 p.
- <sup>2</sup> Pinto PGHR. O estigma do pecado: a lepra durante a Idade Média. *Physis* [Internet]. 1995 [cited 2021 jun 12] ; 5( 1 ): 131-144. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73311995000100007&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311995000100007&lng=en).
- <sup>3</sup> Monicelli M. O incrível exército de Brancaleone [filme]. Look Filmes. 1966.
- <sup>4</sup> Andrade RG, Iriart JAB. Estigma e discriminação: experiências de mulheres HIV positivo nos bairros populares de Maputo, Moçambique. *Cad. Saúde Pública* [Internet]. 2015 Mar [citado em 2021 Jun 12] ; 31( 3 ): 565-574. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2015000300565&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000300565&lng=pt)
- <sup>5</sup> Goffman E. Manicômios, Prisões e Conventos. Tradução de Dante Moreira Leite. 7 ed. São Paulo: Perspectiva; 2001.
- <sup>6</sup> Foucault M. *Microfísica do Poder*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal; 1984. p. 243-76.
- <sup>7</sup> Souza MT, Silva MD, Carvalho R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)* [Internet]. 2010 Mar [citado em 2021 Jun 12] ; 8( 1 ): 102-106. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-45082010000100102&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082010000100102&lng=en).
- <sup>8</sup> Sehnem GD, Brondani JP, Kantorski KJC, Silva SC, Ressel LB, Pedro ENR. A saúde no adolescer com HIV/aids: caminhos para uma agenda pós-2015. *Rev. Gaúcha Enferm.* [Internet]. 2015 [citado 2021 Jun 08] ; 36( spe ): 39-46. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472015000500039&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472015000500039&lng=pt).
- <sup>9</sup> Santos LF, Souza IA, Mutti CF, Santos NSS, Oliveira LMAC. Forças que interferem na maternagem em unidade de terapia intensiva neonatal. *Texto contexto - enferm.* [Internet]. 2017 [citado 2021 Jun 08] ; 26( 3 ): e1260016. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072017000300321&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000300321&lng=pt).

<sup>10</sup> Carvalho CFS, Brito RS. Rede de apoio no ciclo gravídico-puerperal: concepções de mulheres com deficiência física. *Texto contexto - enferm.* [Internet]. 2016 [citado 2021 Jun 08] ; 25( 2 ): e0600015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072016000200301&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072016000200301&lng=pt).

<sup>11</sup> Lúcio FPS, Abreu PD, Vasconcelos EMR, Araújo EC. Rede social: avaliação do contexto de apoio ou contenção de mães lésbicas. *Rev. Bras. Enferm.* [Internet]. 2018 [citado 2021 Jun 08] ; 71( 1 ): 490-495. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672018000700490&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672018000700490&lng=pt).

<sup>12</sup> Valcarenghi RV, Alvarez AM, Santos SSC, Siewert JSI, Nunes SFL, Tomasi AVR. O cotidiano das pessoas com a doença de Parkinson. *Rev. Bras. Enferm.* [Internet]. 2018 Abr [citado 2021 Jun 08] ; 71( 2 ): 272-279. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672018000200272&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672018000200272&lng=pt).

<sup>13</sup> Ruiz ENF, Santos VF, Gerhardt TE. Mediações na atenção à saúde sob a ótica da Teoria da Dádiva: a saúde da população rural em destaque. *Physis* [Internet]. 2016 Set [citado 2021 Jun 08] ; 26( 3 ): 829-852. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312016000300829&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312016000300829&lng=pt).

<sup>14</sup> Rézio LA, Moro TN, Marcon SR, Fortuna CM. Contribuições do PET-Saúde/Redes de Atenção Psicossocial à Saúde da Família. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2015 [citado 2021 Jun 08] ; 19( 1 ): 793-803. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832015000500793&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000500793&lng=pt).

<sup>15</sup> Silva RCC, Vieira MCA, Mistura C, Lira MOSC, Sarmiento SS. Estigma e preconceito: realidade de portadores de hanseníase em unidades prisionais: Cuidado é Fundamental Online [Internet]. 2014 Mar 27; [Citado em 2021 Jun 9]; 6(2): 493-506. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/2879>.

<sup>16</sup> Oliveira LV, Leite NL, Cavalcante CAA, Miranda FAN . O cuidar de presidiários sob a ótica de acadêmicos de enfermagem. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online* [Internet]. 2016 Jan 6; [Citado em 2021 Jun 09]; 8(1): 3780-3792. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4015>.

<sup>17</sup> Lima SF, Silva RGM, Silva VSC, Pasklan ANP, Reis LMCB, Silva UC. Representações sociais sobre o câncer entre familiares de pacientes em tratamento oncológico. *REME – Rev Min Enferm*. 2016; [Citado em 2021 Jun 10 ]; 20:e967. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=29847&indexSearch=ID>.

<sup>18</sup> Morera JAC, Padilha MI. Entre batalhas e pedras: histórias de vida de moradores de rua, usuários de crack. *Hacia promoc. Salud* [Internet]. 2015 Jun [Citado em 2021 Jun 08] ; 20( 1 ): 49-66. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0121-75772015000100004&lng=en](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-75772015000100004&lng=en).

<sup>19</sup> Alves RM, Carvalho ESS, Oliveira JF, Araújo EM. Ser mulher e ter o corpo ferido: Um estudo de representações sociais. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online* [Internet]. 2014 Out 1; [Citado em 2021 Jun 09]; 6(4): 1513-1524. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/2693>.

<sup>20</sup> Varella D. *Prisioneiras*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras; 2017.

<sup>21</sup> Soares I, Tsumura N, Tacla GM, Mauren T. Vivência da equipe de enfermagem frente à hospitalização da criança queimada. *Invest Educ Enferm*. [Internet]. 2014 Abr; [Citado em 2021 Jun 09] 32(1): 49-59. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-530720140001000](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-530720140001000).

<sup>22</sup> Oliveira AB, Silva MG, Bernardes MMR, Queiroz ABA, Santos RM. Cinema e identidade profissional: percepções sobre a imagem de enfermeiras no filme Pearl Harbor. *REME – Rev Min Enferm* [Internet]. 2017 Out [Citado 2021 Jun 09] ; 21:e-1022. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-31651>.

<sup>23</sup> Melo GC, Trezza MCSF, Reis RK, Santos DS, Riscado JS, Leite JL. Comportamentos relacionados à saúde sexual de pessoas vivendo com o Vírus da Imunodeficiência

Humana. Esc. Anna Nery [Internet]. 2016 Mar [Citado 2021 Jun 08] ; 20( 1 ): 167-175. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452016000100167&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000100167&lng=en).

<sup>24</sup> Segre M, Ferraz FC. O conceito de saúde. Rev. Saúde Pública [Internet]. 1997 Out [Citado em 2021 Jun 10] ; 31( 5 ): 538-542. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89101997000600016&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101997000600016&lng=en).

<sup>25</sup> Beauvoir S. O segundo sexo: fatos e mitos. 1 ed. São Paulo: Nova fronteira; 1949.

<sup>26</sup> Foucault M. História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978.